

## **AS VELOCIDADES INFINITAS DO CAPITAL**

Jean-Pierre Caron

Gabriel Tupinambá

Hilan Bensusan

O Capital sempre foi uma categoria ambivalente. Força impessoal do dinheiro que reorganiza pessoas e objetos em nome da sua autovalorização, parasita do trabalho vivo, cuja energia suga e transmogrifica em paisagens de trabalho morto. Essa contradição - entre sua capacidade de dissolução de qualquer miragem de transcendência e o estabelecimento, através desse mesmo movimento, de um novo regime social intransponível e onipresente - talvez tenha sido desde há muito o motor de sua força irruptiva em sua capacidade de se espalhar entre as instituições e nos seus subterrâneos. Ele destrói ao mesmo tempo que abre perspectivas - faz o passado desabar mas inventa futuros em que há brechas nos meandros das distopias.

Pelo menos desde a época de Marx, o Capital desempenhou o duplo papel de dissolver e transformar formas sociais e reincorporar todas as formas de sociabilidade em seu próprio interior. O próprio marxismo herdou essa visão dúplice, às vezes apostando nas relações capitalistas avançadas como uma porta necessária para as transformações pós-capitalistas, pois produziria as condições materiais para sua própria superação, às vezes adotando uma atitude cautelosa em relação à permanente revolução das forças produtivas do capitalismo, vendo-a como uma tendência destrutiva e finalmente negativa que deve ser interrompida. As apostas dessa ambivalência foram, no entanto, sobredeterminadas pelas restrições históricas e conceituais do século XIX e início do século XX, quando o desenvolvimento da computação e automação, os efeitos do desenvolvimento desigual e combinado em todo o mundo, bem como novas formas de política ainda não havia moldado nossas sensibilidades teóricas e políticas.

Na década de 1970, principalmente na Itália e na França, um esforço renovado para entender o Capital como uma força externa motriz surgiu das obras de Deleuze e Guattari, Lyotard, Baudrillard, Toni Negri, Mario Tronti e outros. Essa onda de explorações sobre o impacto do capital levou a ideias de filósofos do final do século XX, como Donna Haraway e os membros da Warwick no CCRU, como Nick Land, Sadie Plant e Mark Fisher. Essas duas últimas ondas constituíram o

que Benjamin Noys chamou, há cerca de dez anos, de “aceleracionismo”, reconhecendo em uma série de teorias políticas díspares uma aposta comum a respeito do potencial emancipatório de atravessar - ao invés de evitar - a substância ácida do próprio capital - com valências políticas contrastantes.

Desde então, o termo foi endossado e repudiado em diferentes intensidades por Nick Land, Alex Williams e Nick Srnicek, Mark Fisher, Patricia Reed e outros. A adesão tardia de Nick Land ao termo vem associado a um engajamento com as idéias da Neo-Reação, apresentadas em seu "Iluminismo Sombrio" e em outros escritos, enquanto o Aceleracionismo de Esquerda (*Left-Accel*) surgiu com o "Manifesto por uma Política Aceleracionista" de 2013 e escritos posteriores; o Manifesto Xenofeminista, por sua vez, tece temas aceleracionistas e marxistas (principalmente o conceito de "alienação") em uma filosofia neo-racionalista do feminismo e do abolicionismo de gênero. Independentemente do destino do termo, as questões relativas à força modeladora do capital são cada vez mais centrais no que se refere à governança, interconexão global, luta por Gaia, cibernética pós-humana, novas formas de feminismo e novas abordagens à inteligência artificial. Ou será que, conhecendo apenas a pré-história do protocapitalismo, não vimos nada ainda?

O presente número da revista *Das Questões* pretende abordar essa constelação de problemas. A palavra constelação não aparece aqui por acaso, sendo adequada para tratar o dito “aceleracionismo” deixando em abertas as várias valências, positiva, negativa e neutra, que se possa ter com relação ao termo. Esses posicionamentos, além de variar da adesão ao repúdio, variam com relação à compreensão do que é aquilo que o termo “aceleracionismo” dá nome: uma posição política, uma posição filosófica, um diagnóstico econômico?

As diferenças propostas não servem apenas para organizar o repertório do número aqui oferecido, mas compõem uma variabilidade de compreensões que são uma propriedade do termo “aceleracionismo” tal como vem sendo usado e disseminado ao longo dos últimos anos. Como **diagnóstico**, o aceleracionismo é a tese de que o Capital é a grande (para alguns, única) força desterritorializante em agência na contemporaneidade. Como **posição política positiva**, o aceleracionismo é a tese de que, *em algum sentido a ser especificado*, não devemos resistir, mas sim, aderir a esta aceleração proposta pelo Capital. O sentido dessa adesão, por sua vez, faz o desempate entre diferentes espécies de posição política aceleracionista: **o aceleracionismo dito de direita e o incondicional** supõem inefetiva qualquer forma de resistência, de tal forma que a

questão axiológica sobre as consequências das desterritorializações promovidas pelo Capital nem se colocam desta maneira; o **aceleracionismo de esquerda** propôs a afirmação *seletiva* como saída: a adoção de um ponto de vista afinado com o desenvolvimento da técnica no contexto do capitalismo tardio, procurando o algoritmo que permitiria a superação *pela própria via técnica* do modo de produção que é responsável pela sua emergência. Neste sentido o aceleracionismo de esquerda propõe um caminho “Iluminista” para a política anti-capitalista, no sentido de manter uma valência política emancipatória para o trabalho da razão alinhado com a técnica, trabalho este que promoveria um curto-circuito na clausura deste alinhamento no interior da forma atual de produção em direção a um pós-capitalismo.

Aqui ele também se encontra também com uma tendência importante do **aceleracionismo como posição filosófica**. O **aceleracionismo epistêmico**, termo por vezes usado para a vertente dita *neo-racionalista* do Realismo especulativo- em si um termo para alguns já obsoleto, como a própria palavra “aceleracionismo”- implica no desenvolvimento dos meios produtivos *epistêmicos* no contexto da filosofia contemporânea. De forma análoga ao reposicionamento realista e racionalista que a filosofia de Meillassoux propôs no contexto da filosofia continental da primeira década dos anos 2000, o dito aceleracionismo epistêmico pretende relançar em bases racionalistas e tipicamente afins com a herança intelectual de filósofos como Wilfrid Sellars e Robert Brandom as pesquisas em *inteligibilidade* filosófica. O aumento do nosso entendimento da realidade seria nesta posição tributário da elaboração dos meios pelos quais chegamos a conhecer - os meios lógicos de concatenação de conteúdos epistêmicos, e as capacidades de construção de quadros-de-referência para aquilo que aparece. Contrariamente a esta forma de aceleracionismo *filosófico* uma outra forma, hoje identificada como **materialismo libidinal**, encontra no pensamento do CCRU seu representante mais bem acabado. Uma filosofia que insiste na crítica Nietzscheana do Kantismo e do Platonismo, sustenta os aportes da metapsicologia Freudiana em termos cibernéticos para um anti-racionalismo consequente no qual a pulsão presente no Capital para a desestratificação encontra abrigo num pensamento não representacional, mas *hipersticional*. Ambas as posições de aceleracionismo *filosófico* encontram respostas críticas em posições filosoficamente anti-aceleracionistas que se alimentam do pensamento antropológico da virada ontológica de um lado, e dos pensamentos decoloniais de outro, que, de um lado, farão a crítica de um eurocentrismo que se faz presente na vertente epistêmica, não obstante a sua ambição universalista; de outro, sustentarão uma posição

diametralmente oposta ao aceleracionismo do CCRU, defendendo a ecologia como matriz para se pensar a relação tanto do humano com o não-humano quanto entre diferentes povos humanos, respeitando as suas respectivas visões ontológicas.

A Das Questões fica feliz em encontrar, se não exemplares firmemente ancorados em cada um dos diferentes sentidos de aceleracionismo e anti-aceleracionismos aludidos acima, textos que se engajam com todas as questões propostas nas linhas e nas entrelinhas acima.